



MAURÍCIO
WALDMAN

Pensar & repensar: sede no país das muitas águas

A crescente escassez mundial de água doce constitui fato absolutamente novo na história humana. A água, cada vez mais rarefeita, inspira que o fantasma das torneiras secas bata às portas da Humanidade. Afetando em especial populações pobres, as dimensões da crise hídrica são assustadoras. Em 2025 serão 3,5 bilhões de pessoas sedentas. Para 2050, 4,2 bilhões dos 10,5 bilhões de humanos estarão privados de até mesmo 50 litros de água por dia.

Num contexto como esse, torna-se inevitável avaliar os cenários colocados para o Brasil. A primeira vista impõe-se a abundância dos recursos hídricos nacionais. A própria Carta de Pero Vaz de Caminha sugere que as terras abordadas pela esquadra de Cabral seriam um País das Muitas Águas.

Eis o que lemos na certidão de nascimento do Brasil: "As águas deste país são muitas, infinitas. E em tal maneira esta terra é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem".

Aliás, os técnicos confirmam que a Terra Brasilis abriga o maior quinhão hídrico do Planeta: 12% da águas de escoamento superficial da Terra. Tal proeminência se amplia quando às águas de superfície somamos o formidável estoque de águas do subsolo. Existem no país 23 aquíferos de grande porte. Este é o caso do Guarani, reservatório equivalente a 90,2% de toda água superficial da Terra.

Não fosse suficiente, o aquífero Alter do Chão, situado por inteiro na Amazônia brasileira, é duas maior que o Guarani, suficiente para abastecer todos os humanos durante 300 anos. Dado assombroso num Planeta aterrorizado pela sede, a somatória das águas de superfície e do subsolo garantem ao Brasil a posse de 20% água doce mundial.

Claro que apenas essa nota não esgota o debate sobre as águas doces brasileiras. É preciso recordar as

disparidades na oferta natural do líquido. Por exemplo, a Amazônia reúne 5% dos brasileiros. Porém monopoliza 71,1% da água nacional. Isto é, 28,9% das águas devem satisfazer os demais 95% da população.

Contudo, certo também é que essas porcentagens devem ser relativizadas. Não há discordância quanto à desigualdade na distribuição natural da água. Mas, também é verdadeiro que inexistente no país qualquer situação análoga aos países realmente assolados pela aridez.

Mesmo o Nordeste, difusamente entendido como carente de água, é dezenas de vezes mais úmido que Israel, Andaluzia e Califórnia. E cabe alertar, as manchas não registram secas, estiagens ou sede nesses países.

Na realidade, o que impera no Brasil são problemas de gestão. Ou seja, precisamos de políticas hídricas justas, sérias e decentes.

Impactos atingindo as águas saltam a vista de todos. A rede hídrica das cidades brasileiras está deteriorada. Os rios tornaram-se canais de esgoto in natura. Mas, implicando em elevado custo de depuração, se recorre a essas mesmas águas para uso humano. Ademais, somente 1/3 dos municípios dispõe de leis de proteção aos mananciais, lacuna que coloca em risco a qualidade da água potável.

Outra calamidade está exposta nos 2 mil lixões que seguem operando no território nacional, destruindo as águas pela infiltração do chorume e outros poluentes. Assim, não admira que o Atlas Brasil de Abastecimento Urbano de Água - editado pela Agência Nacional de Águas (ANA) - prevê que em 2015 o desabastecimento dominará 55% dos 5.565 municípios brasileiros.

Portanto, não é suficiente possuir muita água. Como prega a voz do povo: sabendo usar, não vai faltar. Critério e boa gestão das águas: as futuras gerações de brasileiros e brasileiras agradecem!

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados
pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=2>

